

Aula 2

A GÊNESE DO PENSAMENTO LIBERAL

META

Apresentar a gênese do pensamento liberal: a justificativa ideológica do capitalismo.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- Identificar as fontes do pensamento de oposição ao mercantilismo e ao absolutismo;
- Reconhecer que a transformação econômica ocorrida nos séculos XVI, XVII e XVIII foi acompanhada por mudanças no conhecimento e na ideologia;
- Relacionar os princípios básicos do renascimento e do iluminismo que forneceram elementos para o pensamento liberal clássico;
- Conceituar o liberalismo;
- Relacionar a ideologia liberal com as transformações econômicas ocorridas no século XVII.

PRÉ-REQUISITOS

Procurar informações sobre os movimentos renascentista, iluminista e as revoluções liberais ocorridas nos séculos XVII e XVIII.

Lourival Santana Santos
Ruy Belém de Araújo

INTRODUÇÃO

As transformações econômicas e sociais ocorridas nos séculos XVI, XVII e XVIII aconteceram imbricadas a concepções de mundo, idéias e pensamentos formuladores de críticas contundentes ao mercantilismo, à ética católica e ao absolutismo. Foram, ainda, propulsoras de uma nova ideologia justificadora das relações sociais, políticas e econômicas que estava em gestação. Essa ideologia se respaldava na justificativa da exploração do trabalho livre, da acumulação de riquezas, da liberdade motivada pelo interesse privado e não intervenção do Estado nas atividades econômicas, princípios que seriam o arcabouço teórico do pensamento econômico liberal clássico, justificador do capitalismo.

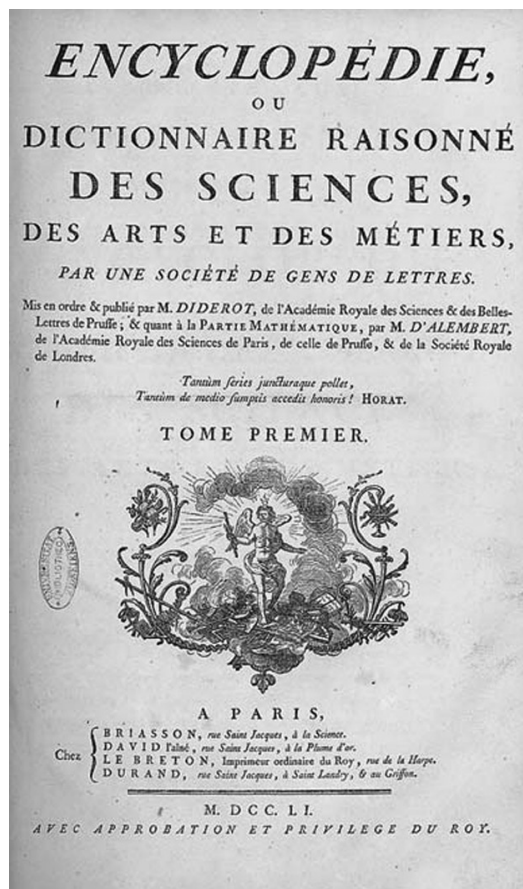


Figura 2 - Capa da Enciclopédia, de Diderot e D'Alembert
(Fonte: <http://www.library.usyd.edu.au>).

PENSAR LIBERAL

Ao analisar o processo da acumulação primitiva de capital, Karl Marx observou que a consolidação das relações liberadas pelo cercamento e pela expansão comercial sem uma modificação na visão social do mundo e da ideologia era impossível. Pois, para Marx, o uso da “violência direta” (tortura, prisão etc) ou indireta (via a legislação) não era suficiente. Por isso se fez necessária a utilização da força da educação, do costume e da tradição para tornar as relações de produção pautadas pela relação entre os expropriados, vendedores de força de trabalho e os proprietários dos meios de produção (capitalistas), como se ela fosse uma criação lógica das leis naturais, derubando qualquer resistência e inculcando a aceitação indulgente por parte do trabalhador e da sociedade em geral.

A construção da concepção ideológica favorável à liberação das forças produtivas e da instituição da relação de trabalho assalariado teve origem no final do século XIV e prosperou durante o século XVI através do movimento cultural e científico iniciado nas cidades comerciais italianas e depois espalhado por outras regiões da Europa.

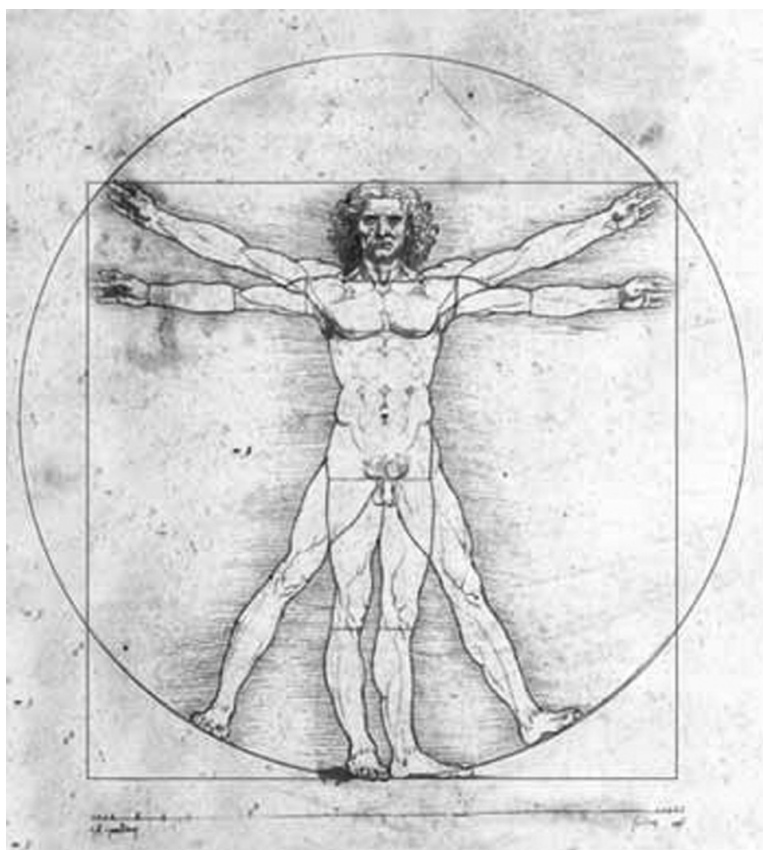


Figura 3 - Homem Vitruviano - Leonardo da Vinci (Fonte: <http://www.interconnect.com.br>).

O movimento cultural e científico, conhecido como Renascimento, caracterizou-se por fazer críticas ao misticismo, ao coletivismo medieval e ao geocentrismo, colocando-se a favor do humanismo, do individualismo, heliocentrismo e do racionalismo. Os princípios defendidos pelo Renascimento tornaram-se instrumentos básicos para o movimento iluminista desenvolvido no século XVIII.

O Renascimento abriu o caminho para a sociedade européia se descartar das explicações do mundo pela visão teológica, ao mesmo tempo em que apontava a possibilidade do entendimento das relações entre o homem e a natureza a partir de suas indagações sobre os fenômenos. Este posicionamento incentivou o desenvolvimento da individualidade e do racionalismo, abrindo o caminho para invenções em vários campos do conhecimento, fato indispensável para o grande acontecimento da Revolução Industrial, que ocorreria na Inglaterra, no final século XVIII.

Segundo Hunt & Sherman, a filosofia do racionalismo e do individualismo lançou as bases do pensamento liberal clássico justificador dos interesses da nova classe social, a burguesia, que se constituía ao longo das transformações econômicas e sociais a partir do século XVI.

O principal teórico do “racionalismo moderno” foi **René Descartes** (1596–1650), que, através do seu trabalho *Discurso do Método*, colocou que a razão poderia desvendar os fenômenos do mundo, através da utilização de um método centrado no uso da matemática dedutiva. Antes de Descartes, na Inglaterra, Francis Bacon (1561–1626), em seus trabalhos *O progresso do conhecimento* e *Novum Organum*, expressou a importância das experiências em laboratório e no método dedutivo para desvendar a verdade universal. O racionalismo deu mais um passo contra as explicações medievais teocêntricas via o trabalho de **Isaac Newton** (1642–1717) que demonstrou a possibilidade de aplicar as leis físicas no entendimento dos fenômenos do universo.

Junto às justificativas racionalistas desenvolveu-se o individualismo. **Thomas Hobbes**, um dos principais teóricos do Estado Moderno Absolutista, em 1651, no seu livro *Leviatã*, ao expressar seu entendimento da origem do Estado Absolutista, advogou a tese de que “todas as motivações humanas, inclusive a compaixão, não passam de manifestações dissimuladas do egoísmo”. Logo, as ações humanas desenvolvem-se a partir dos interesses individuais (HUNT; SHERMANM, 1986, p. 47).

A vertente religiosa defensora do individualismo do século XVII foi o movimento reformista protestante, liderado por Lutero e Calvino, divulgadores da tese de que a fé, e não as obras, era o caminho para alcançar os “favores do Céu”. O princípio básico do protestantismo era a doutrina de que os homens se justificam não mais pelas obras e sim pela fé. Diferia da Igreja Católica, para a qual os homens justificavam-se pelas obras, o que geralmente significava pelas cerimônias e rituais, como a confissão, pagamento de promessas, flagelação e caridade (concessão de esmola).

(...) A justificação pelas obras... significava que o indivíduo jamais

Ver glossário no final da Aula

Ver glossário no final da Aula

Ver glossário no final da Aula

alcançaria a salvação por si mesmo, mas somente através da Igreja. Daí provinha o poderio do clero. A confissão compulsória, a imposição de penitências a toda a população... bem como prerrogativa de conceder a absolvição conferia aos clérigos um poder assustador. O poder que o clero concentrou em suas mãos dificultou o abandono das doutrinas medievais da igreja católica, que mantinha o indivíduo subordinado à sociedade (HUN; SHERMANM, 1986, p. 48-49).

Calvino foi direto em relação aos interesses econômicos da classe burguesa ao liberar a condenação sobre aqueles que acumulavam riquezas via cobrança de juros e de renda (aluguel) para o uso da terra. Posicionamento de interesse dos banqueiros, agiotas e proprietários de terras. Também, valorizava o trabalho ao mesmo tempo em que condenava aqueles camponeses desapropriados pelos cercamentos e que estavam em situação de miséria, sem emprego, pois a pobreza era uma condição imposta pela predestinação. Afirmou Calvino, “O trabalhador é o que mais se assemelha a Deus... Um homem que não quer trabalhar não deve comerciar... O pobre é suspeito de preguiça, o que constitui uma injúria a Deus” (HUNT; SHERMANM, 1986, p. 48-49).

É bom informar que o pensamento protestante além de instrumentalizar interesses da nobreza e burguesia alimentou revoltas camponesas contra a estrutura econômica, política e ideológica feudal/católica, exemplificada nas revoltas camponesas na Alemanha, Inglaterra e outros países europeus.

O racionalismo e individualismo deram as bases teóricas ao movimento iluminista que se desenvolveu na Europa no século XVIII. Herdeiro do Renascimento, aprofundou os seus princípios contribuindo para a formulação do pensamento econômico liberal clássico.

Na França, François Quesnay (1694–1774), líder da escola fisiocrata (defensora da idéia de que o enriquecimento de uma nação estaria no desenvolvimento da agricultura), por via do seu texto Quadro Econômico (*Tableau Économique*) de 1758, diz que o individualismo se expressou na economia na medida em que defendeu a tese de que a propriedade é um bem natural e não poderia ser podada por nenhum ente externo. Entendimento que antecipava a idéia tão cara ao liberalismo de que a atividade econômica era movida por leis naturais e por isso o Estado não deveria se envolver, através de regulamentações e restrições.

Outro personagem vinculado aos princípios fisiocratas foi Jacques Turgot formulador da expressão: “deixai fazer, deixai passar, o mundo se movimenta por si mesmo” (*laissez-faire, laissez passer, lè monde va de lui-même*), que sintetizava a defesa da liberdade econômica. Mas Turgot, diferentemente de Quesnay, apesar de ver a terra como uma importante fonte de riquezas, vê a importância do setor manufatureiro e mercantil no processo de acumulação de riquezas. Também, sua idéia favorável ao desenvolvimento das relações de produção do capitalismo se apresenta

na defesa de uma política de baixos juros para permitir o crescimento da economia. Ambos, Quesnay e Turgot, contribuíram com suas formulações econômicas para a montagem do pensamento liberal que seria sistematizado e aprofundado através do trabalho de Adam Smith.

A crítica ao mercantilismo movimentou-se ao lado da crítica ao absolutismo através das teorias expressadas por pensadores como: John Locke, Montesquieu, Voltaire e Rousseau, sendo que o último é considerado o mais radical defensor da democracia e da formulação crítica à propriedade privada. Com as suas teorias, esses pensadores alimentaram as revoluções ocorridas nos séculos XVII e XVIII. A Revolução Gloriosa ou Inglesa, Revolução Americana (1776), Revolução Francesa e as lutas pela independência dos países americanos. Elas repercutiam os interesses políticos dos segmentos sociais – burguesia e setores da nobreza – enriquecidos com o mercantilismo, ansiosos por assumir o poder político do Estado, sem intermediário, colocando-o afeito aos seus interesses.

A relação entre o novo formato do Estado e os interesses econômicos da burguesia, já anunciada pelos fisiocratas, torna-se mais contundente com as teses formuladas pela escola liberal clássica, que tem no pensamento de Adam Smith expresso na sua obra *A Riquezas das Nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*, divulgada em 1776, a sua base teórica. Além de Adam Smith, contribuíram para a formulação do pensamento clássico liberal David Ricard, Thomas Robert Malthus, John Stuart Mill e Jean Batista Say.

Em síntese, a escola liberal clássica “além da teoria do valor-trabalho, do uso do método dedutivo, do materialismo e da preocupação em simplificar e generalizar as proposições econômicas e de conjunto da evolução econômica, a escola clássica baseou-se nos preceitos filosóficos do liberalismo e do individualismo e firmou os princípios da livre concorrência, que exerceram decisiva influência no pensamento revolucionário burguês” (SANDONI, 1994, p. 121).

O trabalho como fator principal de riqueza, o interesse individual, a livre concorrência (regulada pela mão invisível do mercado) seriam pressupostos necessários ao sucesso individual e da sociedade. O Estado seria um ator coadjuvante das ações econômicas em que o mercado era o ator principal.



ATIVIDADES

Conceituar o Renascimento e o Iluminismo;
Citar os aspectos básicos do pensamento econômico liberal clássico;
Demonstrar o que representou o pensamento liberal para a concretização da Revolução Industrial e para o capitalismo;
Identifique elementos do pensamento liberal clássico presentes no ideário do que hoje se chama vulgarmente de neoliberalismo.

Comente as seguintes enunciações:

A ilusão que ele (mercado) nos dá excita a industriosa atividade dos homens, e mantém-nos num movimento contínuo. É essa ilusão que os faz cultivar a terra de tantas maneiras diferentes, construir casas ao invés de cabanas, fundar cidades imensas, inventar e aperfeiçoar as ciências e as artes...

Uma mão invisível parece forçá-los a concorrer para a mesma distribuição das coisas necessárias à vida que teria ocorrido se a terra tivesse sido dada em igual porção a cada um de seus habitantes; e assim, sem ter a intenção, sem mesmo sabê-lo, o rico serve ao interesse social e à multiplicação da espécie humana. A Providência, ao repartir, por assim dizer, a terra entre um pequeno número de homens ricos, não abandonou aqueles a quem ela parece ter esquecido de atribuir um quinhão, eles têm sua parte em tudo o que produz...

Em tudo o que constitui a verdadeira felicidade, eles não são em nada inferiores àqueles que parecem colocados acima deles. Todas as classes da cidade estão no mesmo nível, quanto ao bem-estar do corpo e à serenidade da alma, e o mendigo que se esquenta ao sol ao longo de uma sebe possui normalmente essa paz e essa tranquilidade que os reis sempre perseguem. (Adam Smith citado por Michel Beaud, em *História do Capitalismo: de 1500 aos nossos dias*, p. 111-112).

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

O racionalismo e o individualismo esboçados nos movimentos culturais europeus alimentaram a formulação teórica do liberalismo clássico defensor do trabalho como fonte de riqueza, da livre circulação e da livre concorrência, que se autoregularia (a famosa “mão invisível” do mercado).

CONCLUSÃO

As transformações políticas e as atividades econômicas ocorridas do século XVI ao século XVIII desembocaram na Revolução Industrial, e, conseqüentemente, no capitalismo. Teve como teoria explicativa e justificadora o liberalismo, que se apresenta naquela época como um argumento revolucionário contra o absolutismo e o mercantilismo, e defensor da limitação, da divisão e descentralização do poder do Estado, da livre participação política, da livre concorrência e da propriedade privada. Apesar de idéias favoráveis à liberdade e igualdade, em sua essência, o liberalismo impunha limitações aos dois princípios, pois entendia que a liberdade e a igualdade não se davam no econômico e nem na participação política, mas sim através de um estatuto jurídico baseado no princípio dos direitos individuais, centrado na garantia da propriedade privada e no incentivo à consolidação da limitada representação política, via a imposição de sufrágios censitários e a negação à organização dos trabalhadores. O liberalismo foi a ideologia das revoluções burguesas.



RESUMO

A derrubada do absolutismo e de sua política econômica, o mercantilismo, não se materializaria sem a transformação na maneira de pensar da sociedade, ou melhor, sem desautorizar a justificativa teológica feudal do mundo. Essa revolução iniciou-se através do movimento renascentista de valorização da razão e do individualismo e conhece seu auge durante o Iluminismo, que se reflete no pensamento liberal clássico.

O termo ideologia é utilizado como concepção de mundo, pensamento, idéia, compreensão, explicativa e justificadora das relações efetuadas em uma formação social.



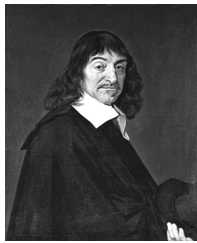
AUTO-AVALIAÇÃO

Será que, de fato, eu assimilei todo o processo evolutivo dos modos de produção, até à formação do capitalismo?

REFERÊNCIAS

- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- BEAUD, Michel. **História do Capitalismo**: de 1500 aos nossos dias. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.
- DOBB, Maurice. **A evolução do Capitalismo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- HEILBRONER, Robert. **A História do Pensamento Econômico**. São Paulo: Ed. Nova Cultura Ltda., 1996, Col. Os Economistas.
- HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça**: as idéias radicais durante a revolução inglesa de 1640. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- HOBSBAWM, Eric. **As origens da Revolução Industrial**. São Paulo: Global Editora, 1979.
- . A crise geral da economia européia no século XVII. In: SANTIAGO, Theo. **Do Feudalismo ao Capitalismo** – uma discussão histórica. São Paulo: Ed. Contexto, 1988
- HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. 17 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- HUNT, E. K.; SHEMAN, H. J. **pensamento econômico**. 5 ed. Petrólis: Ed. Vozes, 1986, p. 09.
- LÖWY, Michael. **Ideologias e Ciências Sociais**: elementos para uma análise marxista. 12 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1985.
- MARX, Karl. O segredo da acumulação primitiva. In: **O Capital**: a crítica à Economia Política. São Paulo:
- OHLWEILER, Otto Alcides. **Materialismo Histórico e crise contemporânea**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- SANDRONI, Paulo. **Novo Dicionário de Economia**. 2 ed. São Paulo: Editora Best Seller, 1994.
- SWEEZY, Paul e outros. **A transição do Feudalismo para o Capitalismo**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

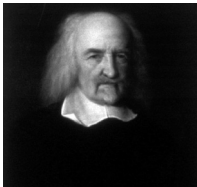
GLÓSSARIO



René Descartes: Filósofo, físico e matemático francês (1596/1650). Também conhecido como Cartesius, notabilizou-se por seus trabalhos em Filosofia e pela criação do sistema de coordenadas cartesianas. Publicou o Discurso sobre o método (1637).



Isaac Newton: Cientista, astrônomo, alquimista e filósofo natural inglês (1643-1727). Escreveu a obra Filosofia natural e o princípio da Matemática, em que expõe a lei da gravidade universal e as lei Newton, que são os fundamento da Mecânica Clássica.



Thomas Hobbes: Pensador inglês (1568-1679), defensor de concepções materialistas e mercantilistas, autor da afirmação “o homem é o lobo do homem”.